

Para a mesa do XIV Encontro Nacional da ANPUR – Quem planeja o território

DIMENSÕES TERRITORIAIS DO DESENVOLVIMENTO: AS CIDADES MÉDIAS E O NORDESTE BRASILEIRO

A REDE BRASILEIRA DE CIDADES MÉDIAS COMO INSTRUMENTO DE CONHECIMENTO

Maria de Jesus de Britto Leite

Arquiteta e professora do Curso de Arquitetura e urbanismo e do
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento da UFPE
Coordenadora Técnica da RBCM

Historicamente um campo de estudo pulsante, as cidades são esse grande fenômeno que é as pessoas se organizarem para viver em uma coletividade, criar condições de trabalho, de alimentação, de vivência e de sobrevivência. Sem dúvida uma criação impressionante do ser humano. Mas, se disso resultam acontecimentos impressionantemente agradáveis à vivência das pessoas, também é daí que surgem acontecimentos imensamente conflituosos.

O que mostraria em minha apresentação na mesa tinha como motivo principal dar a conhecer a nossa Rede Brasileira de Estudos sobre Cidades Médias e seus territórios de sinergia, com o propósito de registrar o valor de processo de pesquisa que a experiência de montar o site e de alimentá-lo reúne.

Exponho, pois, um pouco dessa ótica a partir de três eixos:

1 – pelo que a existência esta mesa evidencia: desde que os estudiosos voltaram os olhos para as cidades médias, elas também começaram a descortinar um campo de conhecimento que foi o que motivou a criação da Rede;

2 – porque as cidades médias, hoje, na mesma proporção que instigam estudiosos e planejadores a buscar soluções criativas para resolver problemas que repetem os já vividos pelas cidades grandes, também já são, há algum tempo, produtoras de periferias urbanas, e essa constatação motivou tanto o objetivo de também abordar os territórios de sinergia dessas cidades como a estruturação das “janelas” que foram desenhadas para o funcionamento do site;

3 - mostrar rapidamente a evolução do site nos seus três meses de funcionamento, cuja evolução justamente debitamos à riqueza que o tema permite.

Hoje está em voga entre os arquitetos e urbanistas (e os alunos dos cursos de arquitetura, pelo menos) um “tirar partido de um caos reinante nas periferias das cidades”, um modo de pensar não a cidade, mas os edifícios que ensimesmam arremedos de cidades em espaços que primam por oferecer um ambiente mutante, de leitura confusa; onde rampas, escadas, se transformam em espécies de obstáculos a uma visada livre. São certamente espaços interessantes para instigar (e não exatamente estimular) nossas capacidades perceptivas e de sermos capazes, como vimos sendo, no curso da Evolução, de nos reestruturar fisiologicamente a ponto de conseguirmos sentir encantamento frente à nova experiência da estética do caos. Mas essa nova estética, enquanto promove à condição de valor, as estruturas caóticas, inacabadas ou mal confeccionadas de áreas periféricas de cidades, deixa atrás de si um mundo cujo caos não existe para ser apreciado, mas que ao contrário, de fato, é a mais pura expressão da desigualdade social. Paradoxalmente, essa expressão plástica de inspiração caótica constrói um mundo uterino limpo e altamente funcional que não se verifica naquele mundo real deixado lá fora e que propositalmente tenta esquecê-lo.

Recentemente, o arquiteto argentino Ricardo Sargiotti, em entrevista à revista AU, ao dizer que “em nossa América Latina, a periferia se converteu em cenário, por excelência, de nossas sociedades e de sua desigualdade social”, construiu uma discussão cuidadosa sobre o que seria periferia nas cidades, deixando-nos entrever que observar a cidade por esse ângulo já traz uma quantidade enorme de subsídios de pesquisa. Falando em “triste destino da periferia”, ele mostra, por exemplo, como o sentido se confunde com a acepção negativa e preconceituosa de que morar na periferia é viver em condições inferiores, porque aliado do centro pulsante. Mas ele também lembra que a etimologia da palavra periferia deriva do grego *periphérea*, que significa aquilo que se move ao redor, e do latim, *periphēria*, que significa limite, fronteira.

Nesse contexto, convém também acrescentar a essa etimologia, a compreensão fenomenológica de Heidegger para “limite” ou “fronteira” como algo conformador de lugares: “a fronteira é aquilo a partir de onde tudo começa”.

Para construir a RBCM, o trabalho de investigar artigos, pesquisas, projetos de melhoria e de solução para problemas urbanos, foi nos inteirando de que o crescimento das cidades médias coincide com um fato relativamente novo no nosso país: o da interiorização econômica do País, deixando as cidades litorâneas (o centro pulsante) de ter essa primazia, o que é, sem dúvida, extremamente bem vindo, e que nos despertou para a busca de um instrumento ágil de encontrar e de divulgar os estudos, os problemas, as soluções existentes sobre esses tipos de cidade.

Mas também – como a imagem de um fole de acordeom – que existe um movimento de vai-e-vem nos resultados dessa investigação: de um lado, as cidades médias deixam de ser pequenas cidades interioranas para serem pólos geradores de trabalho, de desenvolvimento econômico, estendendo essa sinergia econômica às pequenas cidades e distritos que se lhe avizinham; de outro, a rapidez com que isso acontece expõe a

fragilidade dos organismos governamentais em estarem preparados para as mudanças – nesse caso quase sempre negativas e em oposição ao crescimento da movimentação financeira – nos espaços físicos dos núcleos urbanos, no patrimônio natural desses municípios. E isso se acentua mais, à medida que esse fenômeno acontece em regiões mais pobres, com todos os índices de baixa educação, baixa infra-estrutura urbana, de pouca consciência do que pode ser “valor” para uma população.

Esse cenário nos levou a estruturar as janelas do site em janelas de levantamento de problemas, de reflexão sobre eles – as janelas “pesquisa”, “biblioteca” ‘artigos”, “teses”, assim como as janelas de oportunidades, de ações que conseguem superar os problemas das maneiras mais impressionantes: as janelas “cidades criativas”, “cidades saudáveis”, “cidades inteligentes”, etc.

Nesse percurso, descobrimos propostas não imaginadas de cidades que se propõem a não crescer, mas a manter a qualidade existente; cidades que se propõem a mostrar à sua população que viver desaceleradamente pode também ser um fator de desenvolvimento econômico, etc. Todo um universo de formas de planejar o cotidiano de uma cidade que pode ser encontrado no mundo e que o nosso site tenta registrar essas outras possibilidades.

Ainda no movimento de levar o fole ao limite máximo de sua capacidade de ser pulmão saudável, também as propostas que se apóiam na Agenda 21 e na Agenda 21 local, essas mais conhecidas e mais passíveis de serem apropriadas pelas realidades de nossas máquinas administrativas.

Mas o movimento contrário de fechar o fole vem nos mostrando justamente que as cidades médias quando crescem podem ser grandes geradoras de periferia, no pior sentido que a palavra pode adquirir de área pobre, degradada, desigual, injusta. E nesse caso, portanto, as cidades das periferias das cidades médias, mesmo que apresentem crescimento no volume de dinheiro em circulação, mesmo que se vejam aumentadas em número de dias de feira por semana, em número de pessoas trabalhando, apresentam o problema do sub-emprego, da baixa remuneração, das jornadas de trabalho desreguladas, assim como, fechando mais o fole, há sempre o risco da depredação do patrimônio construído e da natureza.

Esse é o caso registrado, por exemplo, na pesquisa que foi iniciada em cidades do entorno de Caruaru: além de a própria cidade de Caruaru ter crescido deixando perder seu patrimônio histórico, abrindo uma imensa ferida vazia na cidade – o espaço da famosa feira de Caruaru – que permanece vazio mais dias da semana do que em uso, pelos poucos dias de feira; destruindo construções centenárias para expressar um novo novidadeiro que pouco qualifica o lugar; esse mesmo comportamento já se registra, por exemplo, e com muita força, em Santa Cruz do Capibaribe e em Toritama, que abandonaram seus centros urbanos em troca da nova centralidade dos shoppings da sulanca.

A isso se somem matas derrubadas, rios assoreados, favelas e mais favelas lado a lado com o surgimento dos novos ricos da região.

Navegar no nosso site permite toda essa compreensão e a de que alguns movimentos de aberturas não tão expressivas como as das cidades saudáveis, também já acontecem, mesmo em regiões menos favorecidas, como a do Nordeste, como é o caso do projeto do Governo do Estado de Pernambuco denominado de “janelas para o rio”, uma proposta de serem feitos parques urbanos nas margens dos rios Ipojuca e Capibaribe em cidades como Brejo da Madre de Deus, Santa Cruz, Toritama, Caruaru, etc., com o fim de mudar a relação das pessoas com sua natureza, de evitar que casas sejam construídas nas margens e nos leitos desses dois rios, em evitar as enchentes provocadas pela deterioração da vegetação ribeirinha, etc. É uma forma de começar a fazer com que as fronteiras sejam aquelas onde os lugares se tornam lugares de boa vivência.

O site começou em fase de teste a funcionar em fevereiro e conhecido apenas por aquele grupo que, encabeçado pelo Centro Celso Furtado e pela UFPE e apoiado financeiramente pelo MCT, decidiram por criá-lo, em outubro de 2010. Hoje, mesmo com apenas três meses já tem um bom acervo em crescimento, já faz parte dos facebooks, tem leitores e colaboradores em alguns países europeus, na América do Norte e sua riqueza como método de aprender a conhecer uma realidade nos estimula a continuar e a convidá-los todos a acessá-lo e tornar-se um membro efetivo. Visto que é inter e multidisciplinar, temos um largo som a ser exercitado por este tipo de instrumento.